

O português funchalense também tem redobros: reflexões sobre a relação entre o parâmetro do sujeito nulo e o redobro do sujeito

Funchalese portuguese also has subject doubling: reflections on the relation between the null subject parameter and subject doubling

*Bolsista CNPq
** Bolsista CAPES

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Leonie Ette
Miguel Gutiérrez Maté
Patricia de Ramos

Recebido: 15/05/2024

Aceito: 04/10/2024

Como citar:

REZENDE DOS REIS, Eduardo Patrick; CARVALHO, Andrey Istvan Mendes. O português funchalense também tem redobros: reflexões sobre a relação entre o parâmetro do sujeito nulo e o redobro do sujeito. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e63984, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a63984>

Eduardo Patrick Rezende dos Reis* 

Andrey Istvan Mendes Carvalho** 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: eduardorezende@letras.ufrj.br

E-mail: andrey_carvalho@letras.ufrj.br

Resumo

Este trabalho visa a apresentar uma análise das construções de redobro do sujeito na variedade do português falada no Funchal, capital da Ilha da Madeira. Para tanto, trabalhamos com um *Corpus* de 18 informantes, extraído do Projeto COMPARAPORT. A abordagem teórico-metodológica que fundamenta a pesquisa se arquiteta na associação entre a Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981; 1995) e o dispositivo metodológico da Teoria da Variação e Mudança (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]). Partindo de Duarte (1995) e de Rezende dos Reis (2023), a hipótese norteadora é a de que existe, na variedade do português funchalense, uma relação entre o preenchimento do sujeito pronominal e a implementação de estruturas com o redobro do sujeito; entendemos que o estatuto do Parâmetro do Sujeito Nulo

(cf. CHOMSKY, 1981) opera como um filtro a tal relação, vinculado sobretudo ao licenciamento “qualitativo” dos dados. Para o tratamento estatístico, foi utilizado o software MINITAB versão 21.1. Os resultados obtidos revelam que a produção de redobros do sujeito se mostra como uma estratégia mais frequente nos indivíduos com os maiores índices de preenchimento do sujeito, o que permite confirmar a hipótese levantada.

Palavras-chaves

Redobro do Sujeito; Parâmetro do Sujeito Nulo; Português Funchalense; Regressão linear e quadrática.

Abstract

This paper aims to present an analysis of subject doubling constructions in the variety of Portuguese spoken in Funchal, the capital of Madeira Island. For that, we worked with a *Corpus* of 18 informants, extracted from the COMPARAPORT Project. The theoretical-methodological approach that underlies the research is based on the association between the Principles and Parameters Theory (cf. CHOMSKY, 1981; 1995) and the methodological device of the Theory of Variation and Change (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]). Based on Duarte (1995) and Rezende dos Reis (2023), the guiding hypothesis is that there is, in the Funchalese Portuguese, a relation between the filling of pronominal subjects and the implementation of structures with subject doubling; we understand that the marking of the Null Subject Parameter (cf. CHOMSKY, 1981), in this variety, operates as a filter for this relation, primarily linked to the “qualitative” licensing of the data. For statistical treatment, the software MINITAB version 21.1 was used. The results obtained reveal that the production of subject doubling is more frequent strategy in individuals with higher rates of subject filling, thus confirming the aforementioned hypothesis.

Keywords

Subject Doubling; Null Subject Parameter; Funchalese Portuguese; Linear and Quadratic Regression.

Introdução

Na última década, ganharam força estudos linguísticos que se concentram no português falado no Funchal, capital da Ilha da Madeira. Os trabalhos de Bazenga (2018; 2019), precursores em tais investigações, têm evidenciado um complexo cenário sociolinguístico no território funchalense, no qual traços linguísticos conservadores convivem com traços inovadores¹. Neste trabalho, visamos a apresentar, com base na análise de inquéritos de falantes do português funchalense, aqui referido como Português Europeu Insular (PEI), uma discussão sobre as construções de redobro do sujeito² com DPs iniciais de referência definida, com o intuito de mostrar que é plenamente concebível associá-las a outro fenômeno linguístico, o preenchimento do sujeito pronominal (cf. Duarte, 1995; Rezende Dos Reis, 2023). Na referida computação sintática, um DP em posição inicial (lexical ou pronominal) é coindexado a um pronome resumptivo na função de sujeito sintático, conforme ilustrado em (1).

1. a. “[o pai do meu pai]₁...³ *ele*₁ teve embarcado”. (falante K)
b. “*eu* no meu ver *eu* ache cuma criança tem que ter o carinho da mãe”. (falante L)

Levantada a partir de Duarte (1995) e Rezende dos Reis (2023), a hipótese norteadora é a de que há uma relação estreita entre o preenchimento do sujeito pronominal e a implementação (frequência e qualidade) de estruturas com a duplicação do sujeito. O arcabouço teórico que guia esta investigação se fundamenta na associação entre a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981; 1995) e as

¹ Bazenga (2019) aponta, em inquéritos do português funchalense, a ocorrência de construções existenciais compostas tanto pelo predicador verbal *haver* quanto pelo predicador verbal *ter*, um comportamento que destoa da variedade falada no continente europeu, que tem como predicador existencial prototípico o item lexical *haver* (cf. Marins, 2013).

² Na literatura especializada, há trabalhos, como os de Quarezemin (2017; 2019), Kriek (2022), que, inscritos em uma abordagem cartográfica (cf. Rizzi, 1997; Cinque & Rizzi, 2010), entendem que o DP inicial, em construções de redobro do sujeito no PB, não ocupa categoricamente uma posição A'. Por meio de um conjunto de testes de julgamento de gramaticalidade, Quarezemin (2019) e Kriek (2022) concluem que o rótulo “Deslocamento à esquerda de sujeito”, amplamente utilizado (cf. Pontes, 1987; Orsini, 2003; Nicolau De Paula, 2012), abriga, na verdade, dois tipos de redobro (reflexos de diferentes percursos derivacionais), tendo em vista o comportamento não uniforme dos DPs duplicados, conforme se verifica em (i) e (ii). Em (i), o DP lexical “Maria” é concatenado diretamente em uma posição não argumental, Spec de TopP, constituindo, portanto, um verdadeiro DP tópico. Em (ii), o DP lexical “a tarifa” congela em Spec de SubjP, uma posição argumental que integra o *Middlefield*. Para mais detalhes, conferir Kriek (2022) e Rezende dos Reis (2023).

(i). [_{TopP} [_{DP} Maria]₁ [_{pp} na semana passada] [_{Top} [_{SubjP} ELA₁ [_{Subj} [_{TP} ELA [_T comprou [_{VP} ELA [_V comprou [_{DP} um carro]]]]]]]]].

(ii). [_{SubjP} [_{DP} A tarifa]₁ [_{Subj} [_{TP} ela₁ [_T é [_{sc} [_{pp} a tarifa] [_{Ap} cara]]]]]]].

³ As reticências serão utilizadas como um mecanismo gráfico para a codificar presença de pausa melódica.

“diretrizes” metodológicas da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]), uma vez que tal casamento, denominado como um “projeto herético” (cf. Kato, 1999), tem viabilizado relacionar as estruturas de redobro do sujeito sobretudo às línguas românicas [-SujeitoNulo]⁴.

A motivação para este trabalho é impulsionada por duas forças, uma teórica e uma empírica. Da força teórica, este trabalho toma como ponto de partida a tese de que o estatuto do Parâmetro do Sujeito Nulo - PSN - (cf. Chomsky, 1981) e o fenômeno do redobro do sujeito mantêm uma estreita relação de “dependência”, sendo, portanto, a duplicação do sujeito um subproduto da marcação negativa do PSN, conforme defende Duarte (1995); na nossa compreensão, a relação, contudo, não é tão categórica, sendo possível haver ocorrências de redobros do sujeito em sistemas [+SujeitoNulo] (cf. Rezende Dos Reis, 2023). Da força empírica, este trabalho se alimenta dos resultados encontrados por Rezende dos Reis (2020), que investigou a expressão do sujeito pronominal de referência definida em 18 entrevistas de indivíduos residentes no território funchalense, mesma amostra que aqui foi utilizada. Na ocasião, o autor identificou um índice geral de 61% de sujeitos nulos, resultado que sugere seu enquadramento no rol das línguas [+SujeitoNulo], grupo do qual o Português Europeu Continental (PEC) também faz parte (cf. Duarte, 2019)⁵.

No entanto, ao examinar o índice percentual de nulos por indivíduo, Rezende dos Reis (2020) constatou que a ocorrência de categorias vazias na fala de 3 informantes se mostra inferior aos 50%, indo na contramão do que se esperava para um sistema aparentemente [+SujeitoNulo] (cf. nota 5). Dado esse curioso cenário, surgem, prontamente, duas indagações: tendo em vista o comportamento heterogêneo quanto ao fenômeno do sujeito pronominal, a variedade funchalense revelaria casos de redobro? Atestada a sua ocorrência, os informantes de comportamento destoante, cujas gramáticas internalizadas parecem ter o PSN negativamente marcado, seriam protagonistas na produção de redobros? Em caso afirmativo, temos um interessante cenário que possibilitará um refinamento das reflexões teórico-metodológicas de Rezende dos Reis (2023), principalmente no sentido de não se tratar apenas de uma correlação entre os fenômenos, mas de uma efetiva relação de causa e efeito,

⁴ Ainda que estejamos a par dos desenvolvimentos mais recentes relacionados ao Parâmetro do Sujeito Nulo (cf. Roberts & Holmberg, 2010; Roberts, 2019; cf. nota 5), os rótulos indicados, na nossa compreensão, não comprometem os propósitos deste artigo.

⁵ Estudos empíricos, como os de Duarte (1995; 2019), Marins (2009) e Soares da Silva (2011), têm mostrado que sistemas [+SujeitoNulo], ou de sujeito nulo *consistente*, nos termos de Roberts e Holmberg (2010), tendem a não ultrapassar o índice de 40% de sujeitos pronominais expressos; além disso, apresentam claramente um conjunto de características formais prototípicas, responsáveis por diferenciá-los de sistemas que têm a preferência por sujeitos preenchidos, como o PB, que passou a ser referenciado, desde o final da década de 2000, como um sistema de sujeito nulo *parcial* (cf. Roberts & Holmberg, 2010; Holmberg & Sheehan, 2010). Para uma crítica ao rótulo de sujeito nulo *parcial* atribuído ao PB, conferir Duarte e Marins (2021).

“mediada” pelo PSN. Pautando-se nessa lógica, conjectura-se ainda que o comportamento não uniforme do redobro do sujeito, bem como o do preenchimento do sujeito, na amostra analisada, pode indicar que não se está diante de uma única gramática do português funchalense, o que colabora, em um contexto mais amplo, com os trabalhos de Bazenga (2018; 2019).

Feita a Introdução, este trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 2, será exposto, de modo sucinto, o contexto extralinguístico do Funchal, território alvo de intensos fluxos migratórios (cf. Bazenga, 2018); na seção subsequente, apresentamos brevemente o quadro teórico em que nos amparamos, que conquistou visibilidade sob a etiqueta “Sociolinguística Paramétrica” (cf. Duarte & Rezende Dos Reis, 2022); na seção posterior, delineamos a Metodologia, na qual descrevemos a amostra utilizada, o tratamento que lhe foi dado e especificamos o objetivo e a hipótese; na seção 5, reportamos os resultados que colorem o retrato (socio)linguístico das construções de redobro do sujeito na variedade funchalense e que evidenciam uma relação entre tal estratégia e o preenchimento do sujeito; finalmente, tecemos algumas considerações sobre os resultados obtidos.

O contexto socio-histórico e socioeconômico do Funchal: um breve panorama

Localizado a sudoeste de Portugal continental, o arquipélago da Madeira é descoberto durante o progresso da expansão territorial do império português no período das Navegações. Segundo Guerlixa (2019), o processo de povoamento do Funchal, capital do referido Arquipélago, inicia-se em 1424, momento em que ocorre a divisão da Madeira em duas capitânias. Bazenga (2018) salienta que a ilha da Madeira, desde o seu descobrimento, nunca consistiu de fato em uma ilha totalmente isolada, uma vez que se situava em uma rota marítima obrigatória daqueles que navegavam pelo Atlântico. Desse modo, o arquipélago serviu de entreposto para um grande fluxo migratório de escravos, motivo este que parece ter compactuado para a formação de micro comunidades em diversas regiões da ilha.

Quanto a aspectos socioeconômicos, Bazenga (2018) aponta que persiste, até hoje, uma significativa segmentação na sociedade funchalense. O êxodo rural é significativo e leva ao inchaço das regiões de periferia, regiões situadas a leste e a oeste dos centros urbanos, nas quais se pratica a agricultura de subsistência. Por outro lado, os centros urbanos são pontos de grande fluxo de turistas, de modo que a população urbana assume atividades econômicas voltadas a esse setor. Diante de tal cenário, são atestados (ao menos) dois grandes grupos na estratificação social do Funchal: os que vivem nos arredores da cidade, a exercer atividades agrícolas de subsistência; e os que vivem nos centros urbanos, inseridos majoritariamente no setor terciário.

A “socioparamétrica” e o redobro do sujeito

Desde o seu surgimento, a agenda de pesquisa em “Sociolinguística Paramétrica” tem trazido significativas contribuições para o mapeamento da variação e da mudança na Sintaxe do Português (cf. Duarte, 1995; Marins, 2009; Rezende Dos Reis, 2023, *inter alia*). A proposta surge, enquanto empreendimento de pesquisa, com um ensaio de Tarallo (1987), em que o autor realiza uma “leitura” paramétrica de resultados obtidos em investigações sociofuncionalistas para o francês, o espanhol e o português; em Tarallo e Kato (2007 [1989]), a abordagem é efetivamente formalizada, ganhando contornos mais bem delineados. Entretanto, essa intersecção teórico-metodológica não se pôs isenta de críticas; uma das mais conhecidas é elaborada em Borges Neto (1989), para quem a vinculação entre formalismo chomskyano e o empirismo laboviano é incomensurável⁶, em virtude de que ambos os modelos são construídos sob fundamentos ontológicos e epistemológicos bastante distintos⁷.

Atualmente, contudo, estudos “socioparamétricos” não se constroem mais como meras leituras de resultados “prontos” (cf. Duarte & Rezende Dos Reis, 2022); a modelagem de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981; 1995) figura como um constructo teórico elementar na investigação linguística pautada nessa abordagem, ao fornecer um poderoso aparato conceitual de substantivo poder tanto descritivo (o componente gramatical) quanto explanatório (cf. Chomsky, 1964), tão necessário à aplicação da metodologia integrada à linha de pesquisa laboviana em Variação e Mudança⁸. Na sequência, destinamos um espaço à breve apresentação de cada um dos componentes da “socioparamétrica”.

⁶ Proposta por Thomas Kuhn (1962), a noção de incomensurabilidade, de que Borges Neto (1989) se vale, pressupõe uma ideia fundamental: a de que quadros teóricos são, *per se*, universos conceituais particulares, em que subjaz todo um ideário. Em tal âmbito, a incomensurabilidade entre teorias se firma na impossibilidade de correspondência entre esses mundos, que, naturalmente, apresentam linguagens virtuais distintas; não haveria, portanto, a possibilidade de “tradução”, sobretudo conceitual, de um mundo para outro sem que os princípios que “sustentam” tais universos conceituais sejam “violados”.

⁷ Passados 38 anos do texto seminal de Tarallo (1987), ressaltamos que, com exceção de Pagotto (2001), a literatura especializada ainda carece de um trabalho que se comprometa a realizar uma leitura epistemológica da abordagem “socioparamétrica”, atualmente mais bem desenvolvida se comparada à época em que lhe foram destinadas as críticas de autoria de Borges Neto (1989).

⁸ Nas últimas décadas do século passado, houve uma profusão de trabalhos que dirigem à Teoria da Variação e Mudança (TVM) duras críticas no que se refere ao seu estatuto teórico; não era raro encontrar textos com o intuito de apontar que a TVM consistia, com efeito, em uma metodologia (cf. Bailey, 1973; Figeoia, 1994; *inter alia*). Conforme salienta Pagotto (2001), a TVM carece de força preditiva, em função de não ser capaz de antecipar o “desenrolar” da variação e da mudança linguística. Pagotto (2001, p. 22) recupera ainda um trecho de Labov (1972), em que este dá a entender que o modelo variacionista configura um mecanismo heurístico, que pode estar a serviço da averiguação de hipóteses levantadas por outras teorias. Nas palavras de Labov (1972, p. 259), “Não acredito que necessitemos, neste ponto, de uma ‘nova teoria da linguagem’; em vez disso, precisamos de um novo modo de fazer linguística que produza soluções decisivas”. Embora a referida discussão perpassasse os limites deste trabalho, assumimos que a TVM atua como um dispositivo metodológico, não teórico.

De um lado, temos a Teoria da Variação e Mudança, composta de um conjunto de diretrizes metodológicas levantadas com base em fundamentos empíricos, que cede subsídios para tratarmos do fenômeno da variação e mudança linguística, a saber: o problema da “implementação”, o da “transição”, o da “avaliação”, o dos “fatores condicionantes” e o do “encaixamento linguístico”; dada a finalidade deste trabalho, o problema do encaixamento linguístico constitui a diretriz central, ainda que façamos igualmente um exercício metodológico com vias a obter uma resposta em potencial para o problema da “implementação”.

Do outro, temos a Teoria de Princípios e Parâmetros, que teve sua elaboração formal em Chomsky (1981); tal modelagem opera ativamente desde o início da investigação, concedendo uma descrição das propriedades que se vinculam a um determinado Parâmetro⁹. Com efeito, o referido dispositivo teórico dá suporte à aplicação das diretrizes “variacionistas”, mediante o levantamento de hipóteses linguísticas, o estabelecimento dos grupos de fatores e a interpretação e explicação dos resultados, com a potencial identificação (do surgimento) de novas estruturas no sistema, que não emergem de maneira “casual”. É o quadro formalista chomskyano o responsável por viabilizar o “rastreo” de possíveis “efeitos colaterais”, subprodutos estruturais não acidentais desencadeados por uma mudança precedente. Dito de outra forma, a modelagem gerativista dispõe de um dispositivo conceitual eficiente para trazer luz a uma das questões mais importantes inscritas na abordagem laboviana, a do encaixamento linguístico.

No que concerne especificamente ao fenômeno aqui examinado, o redobro do sujeito, o que se tem evidenciado na literatura especializada é que ele parece manter laços estreitos com o estatuto da língua quanto ao PSN, em especial no grupo das línguas românicas, uma vez que essas computações sintáticas, quando ocorrem em línguas [+SujeitoNulo], como o PEC e o espanhol (Rivero, 1980), estão sob o efeito de diversas restrições de ordem sintático-semântica e prosódico-discursiva¹⁰. Em contrapartida, os sistemas do grupo românico nos quais se processou a remarcação no valor do PSN (de positivo para negativo) têm demonstrado uma considerável

⁹ Com o advento do Programa Minimalista (1995) e a consequente reformulação da noção de Parâmetro, tal primitivo teórico, que antes se encontrava diretamente incorporado à Gramática Universal, passa a ser concebido como um traço formal integrado a um subcomponente da arquitetura da linguagem, o “Léxico”, compreensão que ficou conhecida como *Conjectura Borer-Chomsky* (Baker, 2008). A antiga noção de Parâmetro, cuja valoração positiva ou negativa refletirá diretamente um conjunto de propriedades na estrutura de superfície, pode ser recuperada, equivalendo-se, parcialmente, ao que Baker (2008) etiqueta como “macroparâmetro”. Para uma análise mais aprofundada, conferir Roberts (2019).

¹⁰ Para mais detalhes, sugerimos ao leitor, em especial, o Capítulo 1 de Rezende dos Reis (2023).

produtividade de redobros na fala¹¹, com um grau substantivamente menor de restrições, conforme evidenciam as pesquisas de Barnes (1986) para o francês e Duarte (1995; e trabalhos subsequentes) para o PB.

Tal como pontua Rezende dos Reis (2023), em linhas gerais: mediante a associação teórico-metodológica aqui adotada, é possível relacionar uma “mudança superficial”, a emergência (ou o aumento) das estruturas com a duplicação do sujeito, a uma mudança subjacente, a remarcação do valor do PSN – tal qual ocorreu no PB (Duarte, 1995). Também, é possível identificar, em sistemas [+SujeitoNulo] como o PEC (cf. Duarte, 2019), em que nível suas construções de redobro do sujeito, quando presentes, se assemelham às (ou se diferenciam das) atestadas em sistemas em processo de mudança (concluído ou não). Com base nessa interpretação, torna-se viável o estabelecimento de importantes generalizações, ao mapear, com uma certa acurácia, traços característicos da duplicação do sujeito, que podem se associar a um grupo de línguas [+SujeitoNulo] ou [-SujeitoNulo]. Portanto, é imperativo reforçar que tal abordagem (que encontra, no formalismo chomskyano, um suporte teórico fundamental) oferece meios para dar um passo em direção à adequação explicativa (cf. Chomsky, 1964). Entendendo, então, que o redobro está associado ao PSN, interpretamos que é de substantiva importância ter o conhecimento prévio do valor da marcação do referido parâmetro (positivo ou negativo) no sistema linguístico alvo da investigação. Munidos dessa informação, podemos traçar uma previsão quanto ao comportamento das construções de redobro nesse sistema.

Metodologia

A investigação se valeu da análise de 18 inquéritos extraídos do *Corpus Concordância*, que integra o Projeto COMPARAPORT, disponível em <https://corporaport.lettras.ufrj.br/>. Para este estudo, focalizamos as construções de redobro do sujeito com DPs iniciais de referência definida no PEI. Partindo sobretudo de Duarte (1995), a hipótese levantada é a de que existe uma relação entre o estatuto do PSN e a implementação de estruturas com o redobro. Com o suporte da análise de Rezende dos Reis (2023), defendemos que a relação mais direta se desenha, na verdade, entre o preenchimento do sujeito e a ocorrência de redobros; o estatuto do PSN tem um papel crucial no filtro da qualidade dos redobros, não necessariamente na sua presença. Na tentativa de trazer mais suporte empírico para a análise, este trabalho ainda se nutre dos resultados obtidos por Duarte (2019) e por Rezende

¹¹ Ressaltamos, contudo, que “a frequência” em si não é uma noção com a qual a teoria gerativa trabalha de modo direto. Tal constructo, o *quantum* nos termos do Pagotto (2001), pertence a um domínio diferente, o empírico. Por isso, a análise da frequência fornece somente indícios, que devem ser (re)interpretados a partir de uma “lente gerativista”.

dos Reis (2023), que investigaram, no PB e no PEC, o preenchimento do sujeito de referência definida e o redobro do sujeito, respectivamente.

Em linhas gerais, a previsão é a de que a variedade funchalense revelará um cenário (socio)linguístico em que se permite visualizar um comportamento heterogêneo entre os informantes tanto para o fenômeno do preenchimento do sujeito, cuja análise de Rezende dos Reis (2020) aqui encontra um refinamento (sobretudo, no tratamento estatístico), quanto para o fenômeno do redobro do sujeito. Nesse sentido, haverá (a) um grupo cujo comportamento é similar ao encontrado para o PEC e (b) um conjunto de indivíduos que destoa efetivamente da “gramática do sujeito pronominal e do redobro” do continente, embora ainda não se possa afirmar que a “gramática do redobro” desses poucos indivíduos seja exatamente mais próxima à do PB. Com isso, informantes que mais preenchem o sujeito (cf. Introdução) serão igualmente protagonistas (quantitativa e qualitativamente) na produção de redobros. Para o tratamento estatístico, que aqui carrega substantiva importância, foi utilizado o software MINITAB versão 21.1. Este trabalho ainda se justifica uma vez que fornece novos ingredientes para uma discussão mais ampla, o mapeamento do complexo cenário sociolinguístico do Funchal. Assim, o comportamento não uniforme da duplicação do sujeito, bem como o do preenchimento do sujeito (cf. Rezende Dos Reis, 2020), na amostra analisada, oferece indícios de que não se está diante de uma única gramática funchalense, o que corrobora o quadro de múltiplas gramáticas presentes nesse território (Bazenga, 2018; 2019).

Apresentação dos Resultados

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos para as construções de redobro do sujeito, que compõem um levantamento de 29 ocorrências¹², bem como a sua relação com o fenômeno do preenchimento do sujeito pronominal. Para depreender o índice de frequência das referidas computações sintáticas, tomamos como base os números absolutos de sujeitos preenchidos de referência definida para o PEI, extraídos de Rezende dos Reis (2020). No Gráfico 1, dispõem-se os resultados da variedade funchalense, postos em comparação aos do PB e PEC, provenientes de Rezende dos Reis (2023).

¹² Por se tratar de um fenômeno marcado, já era esperado que não fosse computado um número expressivo de dados de redobro do sujeito, sobretudo se considerarmos que grande parcela dos informantes tem um comportamento semelhante ao PEC, um sistema [+SujeitoNulo], conforme veremos ao longo desta seção.

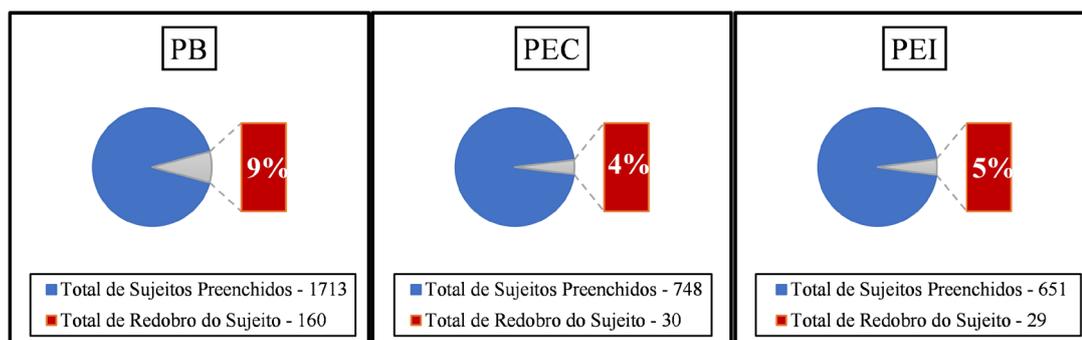


Gráfico 1 – Distribuição de construções com o redobro do sujeito no PB, PEC e PEI, em relação ao total de preenchimento do sujeito

No exame dos resultados gerais, fica a impressão de que a variedade falada no Funchal revela um comportamento que se aproxima, em maior grau, da variedade do português falada no continente europeu, o PEC. No entanto, conforme mencionado anteriormente, uma das motivações deste trabalho surgiu dada a identificação de uma desarmonia na distribuição dos índices de preenchimento do sujeito por informantes do PEI, reportada na Gráfico 2.

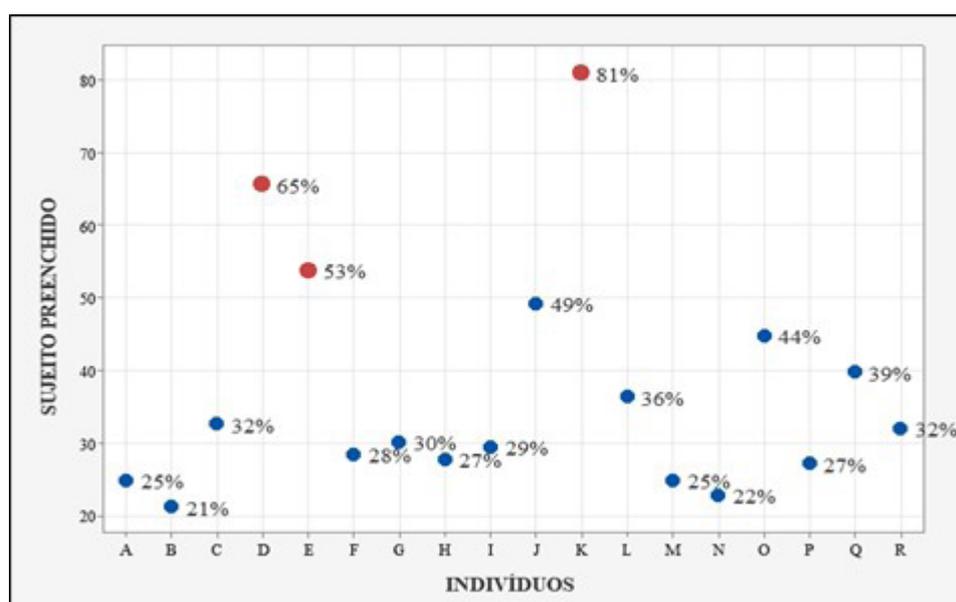


Gráfico 2 – Distribuição de sujeitos preenchidos no PEI por informante

Fonte: adaptado de Rezende dos Reis (2020)

Como se percebe, a distribuição de sujeitos preenchidos não é uniforme no PEI, com destaque para os índices dos informantes E (53%), D (65%) e principalmente K (81%). É curioso que o comportamento de D e K, quanto à produção de sujeitos expressos, se assemelha substantivamente aos índices médios obtidos para

os informantes do PB, um sistema [-SujeitoNulo] (cf. Duarte, 2019). Todavia, trata-se, à primeira vista, apenas de índices percentuais, cujo distanciamento pode não ter necessariamente impacto estatístico. Para verificar se a desarmonia entre os percentuais de cada indivíduo do PEI é estatisticamente relevante, foi feito um teste de normalidade (Anderson-Darling) da amostra, que mensurou o seu grau de variabilidade mediante a relação entre a média obtida (0,374) e o seu desvio padrão (0,160); os coeficientes gerados revelam um cenário de alta “dispersão” quanto às taxas de preenchimento do sujeito por indivíduo. Isso é confirmado com a averiguação do *p-valor* de 0,005, que refuta a hipótese nula (estatística) de que não há variabilidade significativa na amostra. Em outras palavras, confirma-se que a discrepância dos índices de preenchimento entre os informantes do Funchal tem nítida relevância estatística. O próximo passo é averiguar se os informantes que mais preenchem o sujeito são igualmente os protagonistas na produção de redobros. Para tanto, vejamos o Gráfico 3, que ilustra a distribuição de sujeitos expressos e redobros por indivíduo.

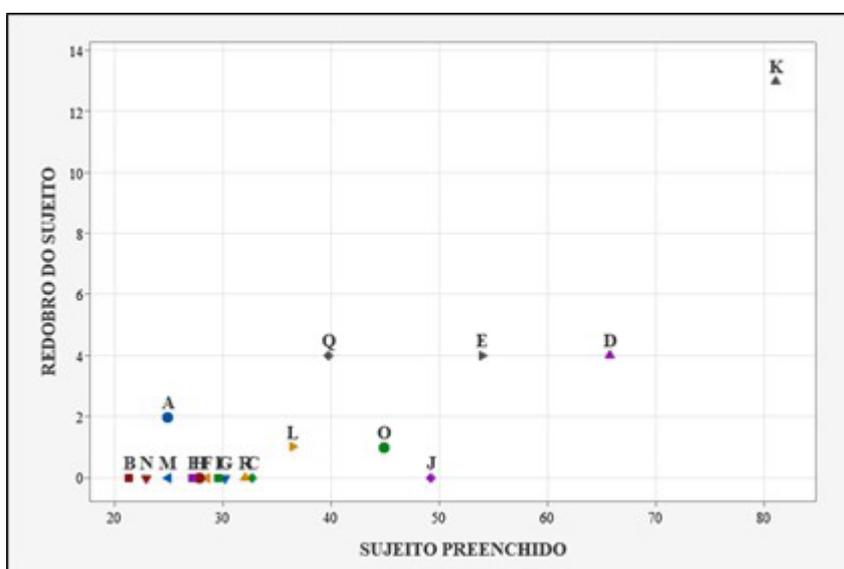


Gráfico 3 – Dispersão de redobros do sujeito vs sujeitos preenchidos por informante do PEI

Ao analisar o Gráfico 3, nota-se que os informantes responsáveis pelos altos índices de preenchimento do sujeito lideram a produção de redobros (D e E, com 4 ocorrências e K, com expressivas 13 ocorrências); há ainda o informante Q, que acompanha o comportamento daqueles, embora seu índice de preenchimento seja um pouco inferior. Mais à frente, será mostrado que parece haver uma tendência mais geral de a duplicação do sujeito ocorrer em indivíduos que apresentam um índice de preenchimento do sujeito superior a 30%. Para além do exame do Gráfico 3, é possível ainda fazer uso de um outro mecanismo de análise estatística para rastrear a relação entre o redobro e o preenchimento: a segmentação da amostra em *quantis*.

Tabela 1 – Descrição quantílica da amostra do PEI¹³

Var.	Q0	Q1	Q2	Q3	Q4
Redobro	0	0	0	2	13
Preenchimento	21%	26%	31%	46%	81%

Na Tabela 1, encontra-se disposta a distribuição da amostra em *quantis*, em um dos quais, o Q4, é identificada uma expressiva concentração de ocorrências de redobros do sujeito. Integrando o referido intervalo superior, estão os informantes Q (4 redobros), E (4 redobros), D (4 redobros) e K (13 redobros), já destacados anteriormente; veja que o comportamento do Q4 para ambos os fenômenos, com efeito, se distancia dos demais, ainda que os informantes integrantes do Q3 “atuem” de forma parcialmente distinta de Q0, Q1 e Q2. Ancorando-se na referida Tabela, é possível, então, dividir os informantes do *corpus* em dois subgrupos, a saber: (a) há um expressivo grupo que apresenta baixos índices de preenchimento do sujeito e que não produz (ou produz poucos) redobros do sujeito – integrantes do Q1, Q2 e Q3, (cf. Gráfico 3); em contrapartida, (b) há, também, um outro grupo, consideravelmente menor, que produz um montante mais significativo de duplicações do sujeito – integrantes do Q4, que, com exceção do informante Q, são, de toda a amostra, justamente aqueles que mais preenchem o sujeito pronominal. É válido salientar que os informantes D, E e K são responsáveis por 21 das 29 ocorrências (se acrescentado o informante Q, o cômputo sobe para 25 de 29 dados). Adiante, veremos que o cenário de heterogeneidade referente aos grupos mencionados não é somente de ordem quantitativa, mas igualmente de ordem qualitativa.

Com base no Gráfico 3 e na Tabela 1, temos indícios de que, no Funchal, a relação entre preenchimento e redobro do sujeito é positiva. A partir disso, dirigimos nossa atenção à apuração do modo como se articula essa relação. Para tanto, optamos

¹³ Os valores dispostos na Tabela 1 representam a média da produção de preenchimento e de redobro de cada subconjunto de indivíduos.

inicialmente pela modelagem de regressão linear com uma variável preditora^{14,15}, plotada no Gráfico 4.

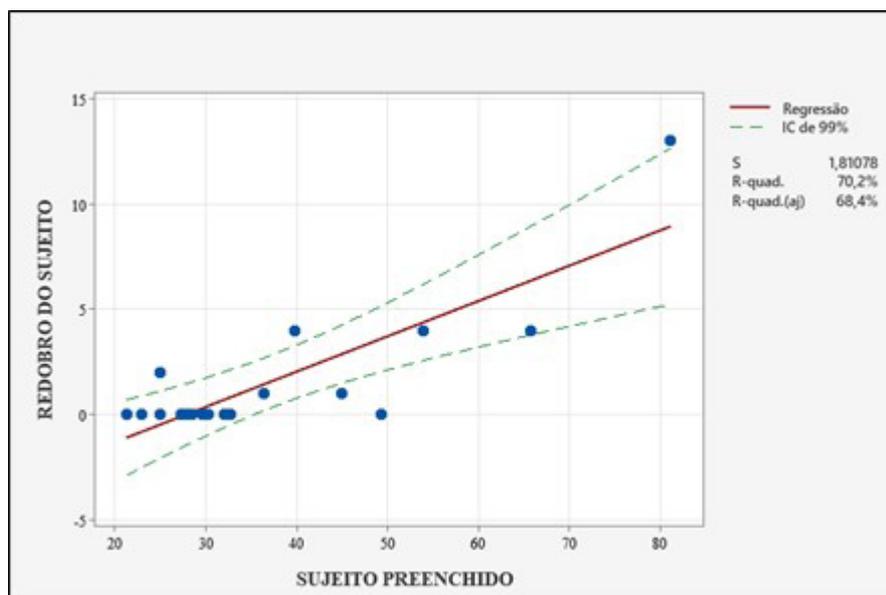


Gráfico 4 – Linha de ajuste entre redobro e sujeito preenchido no PEI

Na visualização do Gráfico 4, observa-se o resultado de uma regressão que assume a forma de uma equação linear, que certamente já se revela como um modelo satisfatório, com um bom coeficiente de ajustamento (R^2 -adj = 68,4%). É perceptível, contudo, que a reta ascendente não se ajusta devidamente a determinados pontos dispersos no Gráfico mencionado, que, mesmo distantes da linha de regressão gerada, representam casos relevantes para a análise. Por não os contemplar, a referida linha de ajuste, no nosso entendimento, não consiste na modelagem mais adequada ao universo de dados examinados. Diante desse cenário, cogitamos uma alternativa à estrutura linear; avaliamos a possibilidade de tal relação ser mais bem capturada

¹⁴ A regressão linear com uma variável preditora é uma função matemática simples, que permite descrever a relação direta entre duas variáveis, y e x , por meio de uma equação na forma $y = ax + b$, em que “ a ” é chamado de coeficiente e “ b ”, de constante. Muito utilizada no campo da Econometria, ela carrega uma série de pressupostos, como o da normalidade dos resíduos e o da homocedasticidade, que não consideramos na presente exposição. Tal decisão metodológica se deve por entendermos que a não normalidade bem como a heterocedasticidade são importantes evidências empíricas para a investigação aqui apresentada, uma vez que confirmam estatisticamente, conforme já pontuado, o cenário de significativa variabilidade da amostra. Igualmente, compreendemos que um modelo de regressão, ao ser utilizado na área da Linguística, configura uma modelagem inicial, que viabiliza o estabelecimento de novas hipóteses (estatísticas ou não), não um dispositivo que tão somente “gera” resultados objetivos e absolutos. Para mais detalhes sobre o uso de modelos matemáticos em linguística, conferir Sankoff (1977).

¹⁵ Naturalmente, a decisão por uma modelagem de regressão foi precedida de um teste de correlação destinado a amostras não paramétricas, o de Spearman, que forneceu uma importante avaliação da relação entre as variáveis.

se apoiada em uma função quadrática, que se desenha por meio de uma estrutura curvilínea (não uma reta¹⁶), plotada no Gráfico 5, que se segue:

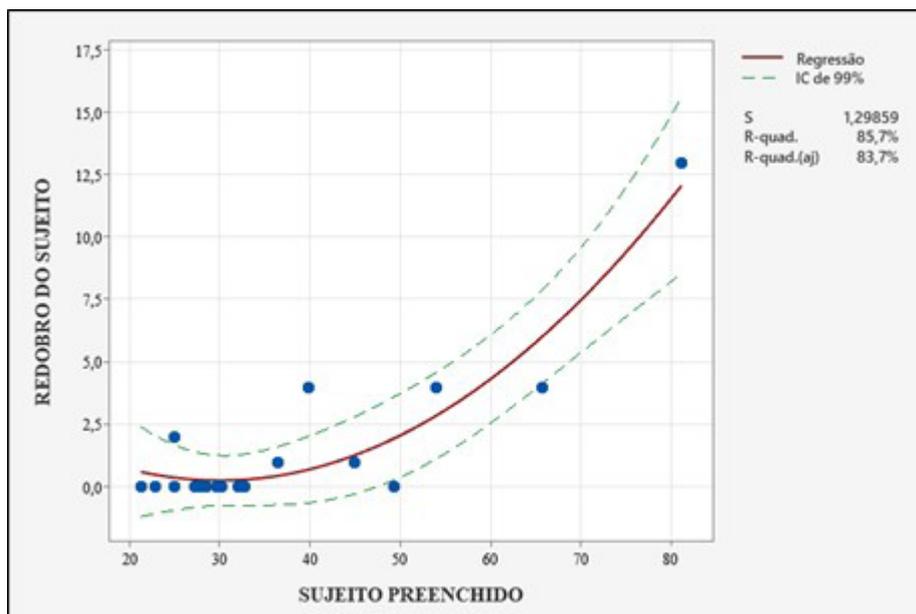


Gráfico 5 – Linha quadrática de ajuste entre redobro e sujeito preenchido no PEI

Com base no ajuste da curva, que se mostra visualmente mais adequado, bem como apresenta valores de ajustagem superiores ao anterior (R^2 -adj = 83,7%), temos à disposição um dispositivo de análise mais eficaz do que a modelagem de regressão linear, o que promove um refinamento à análise de Rezende dos Reis (2023); utilizada a função quadrática, torna-se possível, pois, trazer novos ingredientes para a discussão sobre a articulação entre o fenômeno do preenchimento e do redobro do sujeito, já levantada para o PB desde Duarte (1995).

Curiosamente, uma particularidade da função quadrática, que elegemos como modelo, é a de conter (derivar), em sua curva de ajuste, valores críticos. Em termos matemáticos, os valores críticos são pontos de inflexão, a partir dos quais o comportamento de um polinômio de grau 2 se altera, o que pode sinalizar a mudança no “valor” da relação entre as variáveis mensuradas. Seguindo tal lógica, uma função linear, naturalmente, não apresenta um valor crítico, visto que a relação entre as duas variáveis é constante – uma reta com valores que crescem ou decrescem em uma escala aritmética; não há pontos de inflexão. Uma função quadrática, em contrapartida, se caracteriza por uma curva em formato de parábola, de modo que o impacto

¹⁶ A escolha por uma função quadrática, da forma $y = ax^2 + bx + c$, também conhecida como polinômio de grau 2, decorre principalmente do distanciamento dos informantes D e O da reta gerada pela função linear (cf. Gráfico 4), dispersão esta que pode ser mais bem capturada a partir de um ajuste em curva. Diante disso, chamamos a atenção para a importância de uma acurada análise visual de um gráfico, que pode levar a tratamentos alternativos (e, por vezes, mais eficazes) do universo dos dados (RUMSEY, 2019).

(a influência) de uma variável preditora sobre uma resposta, a partir de um valor crítico, é alterado, e é seguido de uma potencialização imediata desse impacto. Tal ponto crítico da função quadrática pode ser encontrado com o auxílio do chamado “teste da primeira derivada”. Para a realização desse teste, utilizamos a curva plotada no Gráfico 5, ou seja, $y = 4,344 - 27,22 x + 45,30 x^2$; assumimos que a variável y (o eixo das ordenadas) representa o número de redobros realizados e que x (o eixo das abcissas) representa o índice percentual de expressão do sujeito pronominal. A partir disso, o resultado obtido é o valor de uma proporção mínima de preenchimento do sujeito de 0,300 (ou 30%), acima da qual a tendência de produção de redobros do sujeito é efetivamente amplificada. Não estamos dizendo, todavia, que os redobros serão totalmente bloqueados em falantes que apresentem índices de preenchimento de sujeito inferiores a 30% (temos o caso do informante A, que, embora exiba um índice de preenchimento de 25%, é responsável por 2 ocorrências de redobro); há, contudo, uma evidente predisposição de que, empiricamente a partir do referido valor mínimo de preenchimento do sujeito, a ocorrência de redobros seja mais “naturalmente” licenciada (veja que 7 dos 8 informantes se enquadram nessa tendência).

Com a finalidade de buscar uma sustentação empírica mais ampla, repetimos o tratamento dado à amostra do Funchal, só que desta vez com a inclusão de outras variedades do português, cujas amostras provém do PB (Copacabana e Nova Iguaçu) e do PEC (Oeiras e Cacém), todas extraídas do Projeto Concordância (cf. Metodologia). Desse modo, testamos o PB, PEC e o PEI, um total de 90 informantes, que produziram, ao todo, 3112 dados de sujeitos preenchidos e 219 dados de redobro do sujeito (cf. Gráfico 1). Por limitação de espaço, plotamos somente a modelagem quadrática:

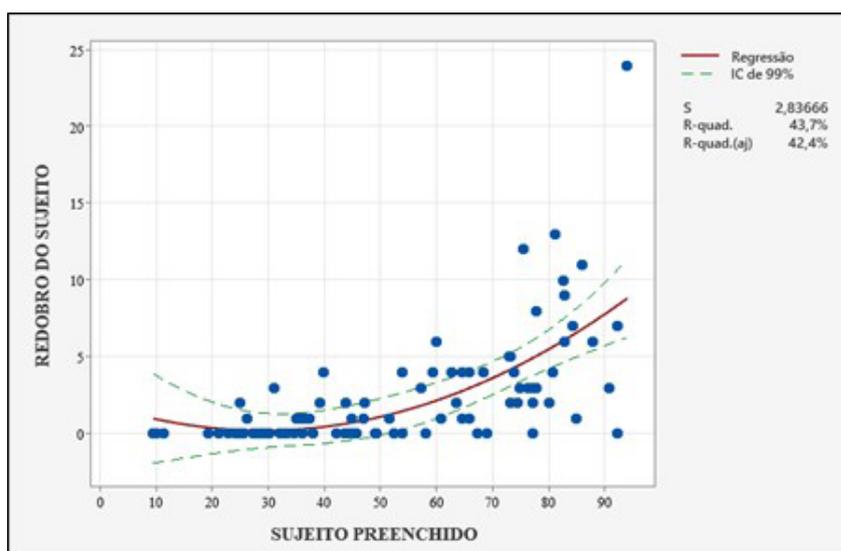


Gráfico 6 – Linha quadrática de ajuste entre redobro e sujeito preenchido no PB, PEC e PEI

Conforme se observa no Gráfico 6, a relação, que se estrutura com um ajuste curvilíneo, entre os 2 fenômenos ainda é visualmente positiva, mesmo com acréscimo do PB e do PEC. Tal como se atesta no Gráfico 5, observa-se que, quando a proporção de preenchimento do sujeito se encontra abaixo de 30% no eixo da abcissa, a produção de redobros do sujeito é inexpressiva; contudo, quando acima do referido índice de sujeitos expressos, a produção de sujeitos duplicados se intensifica substancialmente. Ressaltamos, contudo, que, ainda que a relação seja virtualmente positiva, a sua atualização se dá diferentemente em cada uma das variedades, tendo, no nosso entendimento, o estatuto do PSN como um filtro que “atua” sobre a implementação de redobros. No PEC, um sistema [+SujeitoNulo], a relação entre preenchimento e redobro se restringe quase categoricamente à 1ª pessoa do singular: curiosamente, a 1ª pessoa tanto assume, em tal variedade, o posto de pessoa do discurso mais expressa foneticamente em posição de sujeito sintático (cf. Duarte, 2019), quanto se apresenta como a estratégia de redobro mais recorrente¹⁷ (cf. Rezende Dos Reis, 2023), (2.a-b). No que concerne ao PB, um sistema [-SujeitoNulo], a relação em exame se atualiza com um grau de restrições significativamente menor, exibindo o redobro de DPs pronominais de 1ª e 3ª pessoas (2.c-d) e, sobretudo, de DPs lexicais, com a articulação dos traços de animacidade e especificidade nas 4 possíveis combinações (2.e-h)¹⁸ (cf. Cyrino; Duarte & Kato, 2000).

2. a. “*Eu_i* depois *eu_i* questiono-me.” (PEC)
- b. “*Eu_i* pa mim *eu_i* vivi antes do vinte e cinco de Abril” (PEC)
- c. “*Eu_i*, no meu tempo de garoto, *eu_i* não trabalhei como comerciante.” (PB)
- d. “*Ele_i* simplesmente... *ele_i* aprendeu uma lição.” (PB)
- e. “[Meu pai]_i ... *ele_i* nunca não teve oportunidade de estudar.” (PB)
- f. “[As pessoas]_i *elas_i* já não vêm só pra Copacabana.” (PB)
- g. “[Esse afeto que você não recebe na primeira infância]_i *ele_i* marca pra sempre.” (PB)
- h. “eu acho que [o teatro]_i *ele_i* até atualmente deu uma encarecida.” (PB)

No caso do PEI, reiteramos que o cenário verificado se mostra consideravelmente mais complexo, a saber: (a) um grupo de indivíduos, que tem na 1ª pessoa do discurso a estratégia quase categórica de redobro, em equivalência ao identificado no PEC; (b) um pequeno grupo de indivíduos, formado por D, E e K, cujos redobros se apresentam com menos restrições semântico-discursivas se comparados aos identificados no grupo anterior (e conseqüentemente aos encontrados no PEC).

¹⁷ O condicionamento tanto para o preenchimento do sujeito de 1ª pessoa quanto para o seu eventual redobro parece estar associado ao efeito da reintrodução do falante no discurso (cf. Barnes, 1986; Marins, 2009).

¹⁸ Os exemplos em (2) foram extraídos de Rezende dos Reis (2023).

Ainda sobre o grupo (b), mesmo que haja uma preponderância de dados com DPs lexicais linearmente à esquerda com o feixe de traços [+animado][+específico], foram igualmente encontradas ocorrências como (3d), em que o DP “Uma professora antiga nossa” articula os traços [+animado][-específico], o que não se verifica nas produções dos informantes do grupo (a), muito menos nas ocorrências obtidas para o PEC.

3. a. “*eu*, sinceramente, *eu* não me recordo bem.” (E)
- b. “*ela*_i, quer dizer, *ela*_i vinha sozinha.” (K)
- c. “[a minha mãe]... *ela*_i ia sempre quase na hora do mercado fechar”.(K)
- d. “[Uma professora antiga nossa]_i ... *ela*_i veio a nós” (D)

Na compreensão deste trabalho, as múltiplas formas de atualização da relação entre preenchimento do sujeito e seu redobro, rastreadas nas 3 variedades do português, têm como “consequência” a geração de coeficientes R^2 (43,7%) e R^2 ajustado (42,4%) não tão expressivos¹⁹ quanto os obtidos para a função quadrática modelada apenas no Funchal (cf. Gráfico 5). Reiteramos, no entanto, que a estrutura curvilínea, visualizada no Gráfico 6, captura, de modo satisfatório, a dispersão dos dados referentes à articulação entre os 2 fenômenos postos em análise.

Retomando o que foi visto nesta seção, concluímos, com o amparo de um minucioso tratamento estatístico, que existe um comportamento linguístico não harmônico entre os indivíduos funchalenses, no que se refere aos dois fenômenos aqui abordados, o preenchimento do sujeito e o redobro do sujeito; ratificando Bazenga (2018), visualiza-se, decerto, um complexo cenário sociolinguístico no Funchal. Ao conjugar a modelagem quadrática ao teste da primeira derivada, foi possível ainda desvelar a natureza empírica (de causa e efeito) da relação entre tais fenômenos; igualmente, foi possível derivar um valor mínimo de preenchimento do sujeito (de proporção 0,30), a partir do qual a produção de redobro parece aumentar em uma proporção não linear (em escala exponencial). Somado a isso, tal tratamento estatístico, a modelagem quadrática, se ajustou satisfatoriamente a outras variedades do português, o que refina o tratamento encontrado em Rezende dos Reis (2023). Analisado, portanto, esse universo de dados, temos em mãos um recurso metodológico que inegavelmente traz importantes contribuições para o estudo do redobro do sujeito nas diferentes variedades do português, bem como para a compreensão da sua relação com o fenômeno do preenchimento do sujeito.

¹⁹ Ao referido universo de dados, foi modelada, anteriormente, uma função linear, e os coeficientes gerados se mostraram piores do que os obtidos para a regressão quadrática.

Breves considerações

De acordo com Bazenga (2019), existem, no território funchalense, (pelo menos) duas variedades faladas do português: a primeira está associada à elite, com a tendência de usar as formas ensinadas pela escola (parece, portanto, refletir “parcialmente” o modelo europeu continental); a segunda, por sua vez, se vincula aos indivíduos cujo uso se afasta dessa “norma”. Embora não atribuamos ao preenchimento do sujeito, bem como ao seu redobro, a condição de fenômeno acima do nível da consciência (cf. Labov, 1994), os resultados obtidos no trabalho monográfico de Rezende dos Reis (2020) e nesta pesquisa fortalecem a tese de que há, no Funchal, pelo menos duas gramáticas, uma das quais manifesta efetivamente traços inovadores funchalenses, se comparados aos do PEC. Compreendemos, portanto, que no Funchal haveria uma gramática de sujeitos nulos e de redobros ausentes (ou presentes em contextos extremamente restritos, o de 1ª pessoa do discurso), codificada na L1 de 15 informantes, e uma gramática que tem preferência por sujeitos preenchidos, bem como pela produção de redobros do sujeito menos restritos, concentrados nos informantes D, E e K. Uma resposta para tal cenário sociolinguístico encontra respaldo no contexto sócio-histórico, tendo em vista que não só o Funchal como toda a Ilha da Madeira foram alvo de intensos fluxos migratórios, que deram origem a uma gama de micro comunidades no território insular. Não surpreenderia se, dos contatos linguísticos em regiões pontuais do Funchal, tenha se iniciado um processo de mudança linguística, com a remarcação de um determinado parâmetro, ou, em uma abordagem mais recente, a remarcação de um microparâmetro (cf. Roberts, 2019).

No que concerne especificamente à hipótese norteadora, os resultados sugerem a existência da relação entre o preenchimento do sujeito e o redobro do sujeito; o estatuto do PSN operária, na verdade, como um filtro a essa relação, que pode estar, principalmente, associado ao licenciamento “qualitativo” dos dados de redobro. Tal relação, contudo, não se estrutura de maneira linear, uma vez que as variáveis resposta e preditora não se coordenam em uma mesma proporção; é por isso que foi ainda possível depreender um ponto de inflexão a partir do qual podemos assumir que o preenchimento do sujeito tende a condicionar positivamente, de forma mais expressiva, a produção de redobros do sujeito. Naturalmente, ainda há muito a se investigar, principalmente no que diz respeito ao papel do PSN como um “filtro” na produção de redobros. Para os próximos passos, visamos a estender a análise aqui empreendida às variedades do português faladas na África, mais especificamente em Moçambique e em São Tomé e Príncipe, com a finalidade de verificar se a relação ora atestada se mantém em outras variedades do português, cujos cenários sociolinguísticos têm se mostrado igualmente complexos (cf. Brandão, 2018).

Referências

- BAILEY, C. J. Discussion. In: SHUY, R. W. (ed.). *Report on the twenty-third annual round table meeting on linguistics and language studies*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1973. p. 89-98.
- BAKER, M. The macroparameter in a microparametric world. In: BIBERAUER, T. (ed.). *The Limits of Syntactic Variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 351-374.
- BARNES, B. K. An Empirical Study of the Syntax and Pragmatics of Left dislocations in Spoken French. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (ed.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 207-224.
- BAZENGA, A. Aspectos interdisciplinares e linguísticos na construção da identidade madeirense. *Pensardiverso*, n. 6, p. 90-111, 2018.
- BAZENGA, A. Aspectos da Sintaxe do Português Popular Falado no Funchal. *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, n. 1, 2019, p. 727-758.
- BORGES NETO, J. A Incomensurabilidade e A Compatibilização de Teorias. *Revista Letras*, Curitiba, v. 38, p. 43-66, 1989.
- BRANDÃO, S. F. *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018.
- CHOMSKY, N. *Current issues in linguistic theory*. The Hagen: Mouton, 1964.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CINQUE, G.; RIZZI, L. The cartography of syntactic structures. In: BERND, H.; HEIKO, N. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 65-78.
- CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main: Iberoamericana Verveurt, 2000. p. 55-73.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – IEL/Unicamp, Campinas, 1995.
- DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: ROBERTS, I. et al. (org.). *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2019. p. 93-126.
- DUARTE, M. E. L.; MARINS, J. E. Brazilian Portuguese: A ‘partial’ null subject language? *Cadernos De Estudos Linguísticos*, v. 63, p. 1-21, 2021.
- DUARTE, M. E. L.; REZENDE DOS REIS, E. P. Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica” – relendo Tarallo 1987 e virando a página. *Revista de Estudos Linguísticos (RELIN)*, v. 30, n. 4, p. 2237-2083, 2022.

- FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon; New York: Elsevier Science, 1994.
- GUERLIXA, A. I. P. *O desenvolvimento do Funchal no século XX*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.
- HOLMBERG, A.; SHEEHAN, M. Control into finite cluses in partial null subject languages. In: BIBERAUER, T. *et al.* (ed.). *Parametric Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 125-152.
- KATO, M. A. Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus* (Dordrecht), Berlin, v. 11, n. 1, p. 1-37, 1999.
- KRIECK, L. E. *As sentenças com duplicação do sujeito no português brasileiro: uma análise cartográfica*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Internal factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- MARINS, J. E. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- MARINS, J. E. *As repercussões da remarcação dos parâmetros do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE*. 2013. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- MORETTIN, P. A.; BUSSAB, W.O. *Estatística Básica*. 9. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017.
- NICOLAU DE PAULA, M. *As construções de deslocamento à esquerda de sujeito no PB: um estudo em tempo real de curta duração*. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- ORSINI, M. T. *As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. 2003. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- PAGOTTO, E. G. *Variação e (é) Identidade*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 2001.
- PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Editora Pontes, 1987.
- QUAREZEMIN, S. A arquitetura da sentença no Português Brasileiro: considerações sobre Sujeito e Tópico. *Revista Letras*, Curitiba, n. 96, p. 196-218, 2017.
- QUAREZEMIN, S. Um novo olhar sobre as sentenças com redobro em Português Brasileiro. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 52-63, 2019.

- REZENDE DOS REIS, E. P. *Atravessando o oceano: a expressão do sujeito pronominal de referência definida no português europeu insular*. 2020. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- REZENDE DOS REIS, E. P. *O redobro do sujeito no Português Brasileiro e no Português Europeu: empirismo e formalismo*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- RIVERO, M. L. On Left-Dislocation and Topicalization in Spanish. *Linguistic Inquiry*, n. 2, 1987, p. 363-393.
- RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997, p. 281-337.
- ROBERTS, I. *Parameter Hierarchies and Universal Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction: Parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, T. et al. (eds.) *Parametric Variation*. Cambridge: CUP, 2010, p. 1-57.
- RUMSEY, D. J. *Estatística para leigos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.
- SANKOFF, D. *Statistical dependence and interaction within the variable rule framework*. Honolulu: LSA Press, 1977.
- SOARES DA SILVA, H. *Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E: o sujeito no português e no espanhol*. 2011. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica Paramétrica: Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, Belo Horizonte, v. 13, p. 51-84, 1987.
- TARALLO, F.; KATO, M. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 13-42, 2007 [1989].
- VIEIRA, S.R.; MOTA, M.A.C. (org.). *Corpus Concordância*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Disponível em: www.corporalpor.lettras.ufrj.br. Acesso em: 17 set. 2024.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].